

ENCICLOPÉDIA



Edição
Século XXI

II

Editorial Verbo
Lisboa | São Paulo



EDITORIAL VERBO
DEPARTAMENTO DE ENCICLOPÉDIAS E DICIONÁRIOS

DIRECTOR
JOÃO BIGOTTE CHORÃO
da Academia das Ciências de Lisboa

SECRETARIA-GERAL
ANTÓNIO LEITÃO

COORDENAÇÃO EDITORIAL
JORGE COLAÇO
GEORGE VICENTE

TRATAMENTO INFORMÁTICO
EM BASE DE DADOS
SANDRA MONTEIRO

COORDENAÇÃO GRÁFICA
VIRGÍNIA ROXO

PESQUISA ICONOGRÁFICA
VIRGÍNIA ROXO

FONTES ICONOGRÁFICAS
ARQUIVO VERBO • EUROPEDIA
PULSAR IMAGENS • DR JOÃO LUÍS CARDOSO
BONNIER'S LEXICON • AGÊNCIA LUSA
PROF. DR. TELLES ANTUNES
INSTITUTO MISSIONÁRIO PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
CÂMARA MUNICIPAL DE FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO

REVISÃO
LÍDIA VINTÉM

CAPA E GUARDAS
JOSÉ BRANDÃO

PAGINAÇÃO E PRÉ-IMPRESSÃO
MARIA ESTHER - GABINETE DE ARTES GRÁFICAS, LDA.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
TILGRÁFICA - BRAGA
SETEMBRO DE 1999

© EDITORIAL VERBO
LISBOA / SÃO PAULO

NÚMERO DE EDIÇÃO: 2531
DEPÓSITO LEGAL n.º 135 126/99
ISBN 972-22-1850-6 (OBRA COMPLETA)
ISBN 972-22-1963-4 (VOLUME XI)

Heinemann, *Existentialismus, lebenstäg oder tot?*, 1956; F. Heinemann, *Jenseits des Existentialismus*, 1956; P. Prini, *Existencialismo*, Bari, 1957; M. Grene, *Introduction to Existentialism*, Chicago, 1959; R. Grimsley, *Existentialist thought*, Cardiff, 1960; J. Fragata, «Filosofia da Existência», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, 16 (1960); id., «Existencialismo e Cristianismo», in *Brotéria*, 80 (1965); E. Mounier, *Introduction aux existentialismes*, Paris, 1950 (trad. port. *Introdução aos Existencialismos*, Lx., 1962); Th. W. Adorno, *Jargon der Eigenlichkeit*, 1964; J. Breaufret, *Introduction aux philosophes de l'existence. De Kierkegaard à Heidegger*, Paris, 1971.

êxito e fracasso — PED. A criança, o adolescente, o adulto, tomam atitudes que os levam a afirmar-se. A afirmação dá satisfação por ver a personalidade a realizar-se na família, na escola, no ambiente religioso... Este bom resultado, este êxito, leva a um trabalho constante de construção; o mau resultado ou fracasso pode marcar, de tal forma, o indivíduo, que perca toda a confiança em si mesmo. Sobre tudo na infância, os pais — e de modo muito particular a mãe — podem, com o seu comportamento, realçar o fracasso da criança. Uma atitude de confiança nas possibilidades de Ê. conduz a um desenvolvimento sadio no plano das realizações, conseguindo a pessoa fazer-se valer no plano social. O F. leva à fuga do esforço e da vida social, criando sentimento de inferioridade. Em psicopedagogia o problema está relacionado com o nível de aspiração. Nível de aspiração muito superior às possibilidades reais do aluno levam ao fracasso e à frustração, criando mecanismos inconscientes de compensação. Nível de aspiração de acordo com as reais possibilidades conduz ao êxito, e os alunos tendem a ser realistas e procuram subir gradualmente nas suas aspirações.

DIAMANTINO MONTEIRO

êxito social — SOC. É um caso particular da mobilidade social ascendente. Diz-se que um indivíduo obteve E. S. quando conseguiu ascender na estrutura social. Nas modernas sociedades industriais, a análise do E. S. e dos seus factores demonstra a persistência da desigualdade em diversos níveis da vida social. Nas sociedades tradicionais, nas quais os indivíduos têm o seu papel social determinado pelo nascimento, idade ou sexo, praticamente nem se põe o problema do E. S. pelo contrário, com a industrialização e a urbanização, multiplicam-se os postos de trabalho que vão exigir uma qualificação profissional que não pode ser proporcionada pela família. Além disso, valores como a democracia, os direitos pessoais e sociais, o ideal da fraternidade e da dignidade humana deveriam igualmente promover uma maior mobilidade vertical. Isto nem sempre acontece, na medida em que existe uma série de factores que condicionam o E. S. Estes factores são, para além dos especificamente sociais (uma origem social alta favorece o êxito, o que prova que nas sociedades modernas o nascimento ainda confere um certo privilégio, não de direito mas de facto), os factores demográfico e geográfico (o facto de o indivíduo pertencer a uma família muito numerosa de fracassos recursos pode constituir um obstáculo ao E. S., e o mesmo acontece no caso de este ser proveniente de um meio rural), a idade e o

sexo. Nas modernas sociedades ocidentais, baseadas na actividade, na competição e na qualidade (a importância que damos à maior fábrica, à maior loja, etc.), o ideal do êxito-sucesso difundiu-se de tal modo (livros que ensinam «como ter êxito» desde a forma de arranjar amigos, vender melhor, praticar desporto ou fazer jardinagem), que existe um verdadeiro medo do fracasso em quase todas as formas institucionalizadas do comportamento social.

M.^a JOSÉ FERNÁNDEZ STOCK

ex libris — CULT. Expressão latina que significa «dos livros». Desde tempos antigos se usa o E.-L. como marca de posse. O E.-L. mais vulgar limita-se ao nome do possuidor do livro, escrito numa das páginas, mas o bibliófilo não aceita com agrado este processo de firmar a posse. E.-L. é uma pequena estampa que se apõe no interior de um livro ou a reprodução por meio de um carimbo, impressa numa das páginas. O seu emprego como estampa divulgou-se em todos os países, tanto nas livrarias conventuais e de instituições de cultura, como em particulares e públicas. Em geral, nos primeiros tempos eram uma tira impressa com o nome do possuidor. Mais tarde, o E.-L. apareceu com figuração heráldica e ainda hoje se mantém esse uso. Tempo depois, o E.-L. de feição simbólica ou alegórica tornou-se corrente, com tendência a representar ou a traduzir particularidades ou características do seu possuidor. Este E.-L., nalguns casos, dado o feitio e arranjo da sua composição, apresenta-se como heráldica assumida. Antigos ou modernos, os E.-L. contêm, por vezes, legendas ou divisas que identificam o seu possuidor. Grandes artistas, estrangeiros e nacionais, têm desenhado E.-L., e muitos se impõem pela concepção, equilíbrio e arranjo de composição, cuidado e perfeição do desenho. Ainda aparecem com frequência E.-L. gravados em cobre, aço ou litografados. As técnicas modernas invadiram neste domínio a produção ex-librística.

Em Portugal, um grande artista se evidenciou — António Lima — deixando o seu nome ligado a centenas de marcas, e pequenas obras-primas de desenho e concepção. Os E.-L. podem classificar-se quanto a estilo, temática e época. Há bibliófilos possuidores de várias marcas. Há outras marcas de posse, que se gravam exteriormente nos livros encadernados. Chamam-se *super-libros*. Leite de Vasconcelos entendia que a designação mais apropriada seria a de E.-L. exteriores. Mas *super-libros* está generalizado em todo o Mundo. Há valiosas colecções de marcas de posse como a da Biblioteca da Univ. de Coimbra.

C. LOBO DE OLIVEIRA

BIBL.: Almeida Langhans, *Tratado de Heráldica Comparativa*, Lx., e, sobretudo, o *Boletim Cultural da Academia Portuguesa de Ex-Libris*; Adelino Vieira Neves, *Ex-Libris e o Seu Uso pelos Médicos Portugueses*, 1936; id., *O Ex-Libris mais Antigo Impresso em Portugal*, 1940.

exobasidiáceas — BOT. Designação dada aos fungos *Hymenomycetes*, recentemente designados *Ustomycetes*, divisão *Basidiomycota*, da família *Exobasidiaceae*, cujo género mais difundido é o *Exobasidium* Woronin. Os basídios, órgãos sexuais do fungo, formam-se di-

rectamente a partir das hifas dicarióticas entre as células epidérmicas do hospedeiro, produzindo dilatações que o deformam. Os basidiósporos podem dar imediatamente origem a um tubo germinativo ou multiplicar-se previamente por gemulação. O *Exobasidium vaccinii* (Fuckel) Voronin var. *japonicum* (Shirai) McNabb é um exemplo de fungos deste género e é parasita das azáleas.

LÚDIO L. TOMAZ

BIBL.: C. J. Alexopoulos e C. W. Mims, *Introductory Mycology*, Nova Iorque, 1979; I. M. Smith, J. Dunez, D. H. Phillips, D. A. Lelliott e R. A. Archer, *Manual de enfermedades de las plantas*, Madrid, 1992.

exobiologia — BIOL. A E. — designação devida ao geneticista americano Joshua Lederberg, sinónima de astrobiologia — estuda a origem da vida no nosso planeta, a possibilidade da sua existência em outros planetas e o comportamento dos seres terrestres no espaço. A E. tem estudado as condições pré-bióticas que existiram na Terra e a natureza das reacções químicas que possibilitaram a formação da vida, assim como as condições ambientais existentes em outros planetas, com o objectivo de concluir sobre a evolução sofrida pelo nosso planeta e antever como essa evolução poderá prosseguir.

Para que a vida seja possível considera-se imprescindível a realização de três condições: a presença de atmosfera e que esta receba um mínimo de energia que permita a vida das moléculas pré-bióticas; a presença de água no estado líquido, que possibilite as reacções pré-bióticas e garanta a sobrevivência das espécies; uma temperatura do planeta que varie entre valores nem excessivamente baixos (o que implicaria que as velocidades das reacções seriam demasiado lentas) nem excessivamente elevadas (o que causaria a destruição das estruturas orgânicas). Na nossa galáxia admite-se que, para além do nosso planeta, apenas Vénus e Marte possam reunir estas condições e, relativamente ao segundo planeta, os cientistas consideram que a possibilidade da existência de vida está dependente da presença de água líquida.

A E. recebe contribuições da astronomia, da geologia, da biologia, da química e da física, e o seu reconhecimento como ciência foi conseguido principalmente a partir dos trabalhos do químico americano Harold Urey e do bioquímico russo Aleksandr Oparin, que estudaram a formação de compostos orgânicos em condições abióticas. Recentemente, as suas congeminções ganharam actualidade com a descoberta da presença de possíveis microfósseis num meteorito proveniente de Marte e de moléculas orgânicas em regiões do espaço interestelar.

GEORGE VICENTE

excitose — BIOQ. Processo utilizado pelas células para segregar macromoléculas sintetizadas no seu interior, em resposta a sinais exteriores, através de vesículas que se fundem com a membrana plasmática e se abrem para o espaço extracelular, libertando o seu conteúdo. As proteínas de excreção são sintetizadas nos ribossomas ligados ao retículo endoplasmático

rugoso. Passam para o lúmen do retículo e são transportadas para o aparelho de Golgi, em vesículas de transporte derivadas do retículo. Uma vez no aparelho de Golgi, as proteínas são modificadas, concentradas e empacotadas em vesículas que se separam para o interior do citoplasma e, posteriormente se fundem com a membrana plasmática. Por outro lado, as moléculas pequenas são transportadas activamente (ou seja, por processos dependentes de energia metabólica) do citoplasma para vesículas pré-formadas. Nestas são, por vezes, complexadas com macromoléculas específicas e guardadas em concentrações elevadas sem gerar um gradiente osmótico excessivo.

Existem duas vias de E.: uma via constitutiva e outra regulada. Na via constitutiva, as proteínas de excreção são empacotadas em vesículas de transporte e segregadas continuamente. Na via regulada, as proteínas são guardadas em vesículas de secreção especiais e libertadas apenas quando a célula é estimulada por um sinal extracelular. A via constitutiva opera em todas as células eucariotas, mas a via regulada é característica, apenas, de células especializadas na segregação dos seus produtos (células secretoras), como p. ex.: hormonas, neurotransmissores ou enzimas digestivas. O sinal que estimula a secreção é muitas vezes um mensageiro químico, tal como uma hormona, que se liga a receptores na superfície celular. A activação desse receptor gera um ou mais sinais intracelulares que, por vezes, se traduz no aumento de Ca²⁺ livre no citoplasma. Estes sinais, envolvendo um mecanismo ainda não conhecido, iniciam o processo de E., provocando a fusão das vesículas secretoras com a membrana plasmática e, conseqüentemente libertando os seus conteúdos para o espaço extracelular. Os componentes proteicos e lipídicos das membranas das vesículas de secreção são, mais tarde, recuperados por endocitose e reincorporados em novas vesículas de secreção.

PAULA CRISTINA RAMON

exoderme — BOT. Em muitas plantas as paredes externas das camadas do córtex, próximas da epiderme, tornam-se suberificadas, formando-se deste modo um tecido de protecção semelhante, na estrutura e nas características citoquímicas, a uma endoderme. Deposita-se uma camada de suberina na parede primária e nalguns casos também de lenhina. A espessura da E. varia, podendo ser formada por uma ou várias camadas de células e por vezes é acompanhada, na sua parte mais interna, por esclerenquima, p. ex. nas raízes de *Ananas* spp., em algumas gramíneas e ciperáceas.

ANA MONTEIRO

êxodo — AGR. Os movimentos migratórios que interessam à população agrícola assumem, particularmente desde a década de 60, com frequência, tal intensidade que se apresentam em termos de verdadeiro Ê. A migração tanto pode ser *geográfica* como *profissional*; no primeiro caso trata-se de deslocações de população que vive no *meio rural*, em regra predominantemente agrícola, e que muda de residência para cidades (*urbanismo*), para regiões rurais em de-



Ex Libris
da Academia
Portuguesa de
ex Libris



um livro aberto é
como duas asas

envolvimento industrial, ou para o estrangeiro (emigração), movimento a que se dá o nome de «êxodo rural»; no segundo caso os trabalhadores da agricultura transferem-se para actividades de outros sectores (da indústria ou dos serviços) dando origem ao Ê. agrícola. Normalmente, todo o Ê. rural é também agrícola (exclui-se o caso de agricultores que se reinstalam na agricultura de outra região), mas sucede que a implantação de indústrias no meio rural dá normalmente origem a Ê. agrícolas sem que se verifique Ê. rural, quando a população que trabalha na agricultura, em regime de subemprego, se transfere para a indústria nascente.

O Ê. agrícola é condição de progresso nas regiões subdesenvolvidas de actividade agrícola dominante, quando corresponde a uma expansão real de outros sectores, em especial da indústria, na fase do arranque do desenvolvimento; mas o Ê. rural é sempre indesejável porque envolve normalmente a população mais jovem e dotada, o que é muito grave para as regiões economicamente deprimidas, deixando um resíduo de população envelhecida que pode dar origem a um processo demográfico-social de desertificação que dificilmente se recupera. Talvez por analogia pode o termo «êxodo» aplicar-se também a rendimentos ou a capitais. Na agricultura, os rendimentos formados por certas produções de colheita multianual (cortiça ou madeiras) ou as rendas cobradas por proprietários absentistas, podem ser transferidos para outras actividades ou regiões em termos de Ê. de rendimento, o que contraria o desenvolvimento do sector agrícola ou regional.

E. DE CASTRO CALDAS

ESCR. Para além de Êx, 1-15, que é o corpo textual bíblico que se lhe refere mais de perto, o Ê. é um dos temas mais glosados em toda a Escritura, com lugar marcado em textos narrativos, exortativos, celebrativos, proféticos e poéticos, de que são testemunho Êx, 20,1; Núm, 20,15-16; Deut, 5,6; 6,21-23; 7,8; 26,5-8; Jos,

2,10; 24,5-7; Jz, 6,13; 1 Sam, 4,8; 10,18; 12,8; 2 Sam, 7,23; Ne, 9,9-11; Sl, 78,12-13; 81,6-8; 105,37; 114,1; 135,8-9; 136,10; Sob, 10,15-20; Is, 11,16; Jer, 16,14; 23,7; 31,32; Ez, 20; Os, 11,1; 12,8; Mcq, 6,4; Act, 13,17; Hebr, 11,27-28.

A ideia que se faz do Ê. bíblico é geralmente grandiosa, unitária e linear e assenta na concepção igualmente grandiosa, unitária e linear de que são os 12 filhos de Jacob/Israel no seu todo, perfazendo o número pleno de 70 pessoas, que descem ao Egipto (Gén, 46,27; Êx, 1,5; Deut, 10,22), onde permanecem por um período de tempo mais ou menos longo, durante o qual se multiplicam e se tornam um povo (Êx, 1,7-10), fazendo ao mesmo tempo a amarga experiência da opressão, de que são depois libertados por obra de Yahveh e de Moisés numa acção espectacular que envolve c. 600 000 homens, sem contar mulheres e crianças (Êx, 12,37), que se põem a caminho da Terra Prometida, seguindo pela «estrada do mar» ou pela «estrada do deserto» que, através de um sem-número de tergiversações e de algumas intervenções mais ou menos espectaculares de Yahveh e de Moisés, conduzem os «israelitas» a Cades Barnea, na região Nordeste da Península Sinaítica, inflectindo depois para o golfo de Ezyon-Ghever, moderno Aqabah-Eilat, donde sobem pela Transjordânia — Moisés morre no monte Nebo e passa o testemunho a Josué —, para entrar na Palestina Central, já sob o comando de Josué, atravessando o rio Jordão junto de Jericó. Depois, é num ápice que se conquista e ocupa a Terra toda (Centro, Sul e Norte).

Esta imagem grandiosa, unitária e linear é, na verdade, a retro projecção de uma multiplicidade de experiências vistas desde a Palestina pelo prisma unificador de um «Israel» finalmente unido e constituído em nação. Em boa verdade, por debaixo desta imagem grandiosa, unitária, simplista e linear do Ê., ainda é possível detectar alguns indícios textuais que documentam a multiplicidade de experiências que lhe subjazem.

A Partida dos Israelitas, de David Roberts (Birmingham City Art Gallery)



Quanto ao período de tempo em que os «israelitas» permanecem no Egipto, os dados bíblicos não são uniformes. Fala-se, nuns textos, de quatro gerações (Gén, 15,16; ver Êx, 6,16-27), que faz dos libertadores Moisés e Aarão, bisnetos de Levi, um dos 12 filhos de Jacob/Israel que tinha descido ao Egipto com os seus irmãos e o seu pai (Êx, 1,5); fala-se, noutros textos, de 400 anos (Gén, 15,13; Act, 7,6); um texto fala de 430 anos (Êx, 12,40). Há ainda um texto (1 Re, 6,1) que, não fazendo qualquer referência directa ao período da permanência dos «israelitas» no Egipto, acaba, no entanto, por indicar indirectamente uma data para a «saída» do Egipto, pois notícia que «a construção do Templo de Salomão teve início no quarto ano do reinado de Salomão», portanto, em 962, «480 anos após a saída do Egipto», que seriam então levados a situar em 1442.

Quanto aos c. 600 000 homens envolvidos no Ê., sem contar mulheres e crianças, o que, a ser feito, daria um número completamente inverosímil da ordem dos 2-3 milhões de pessoas (!), pode ter a ver com a gematria (= permutação das letras por números) da expressão hebraica *bené Yisra'el* (= filhos de Israel), cujo valor numérico é de 603 x 1000 = 603 000, depois arredondado para 600 000. Neste sentido, outros recenseamentos fixam em 603 550 o número de homens aptos para combater em Israel (Êx, 38,26; Núm, 1,46; 2,32).

Quanto ao itinerário, de há muito que a crítica literária isolou, com base nos indícios textuais do Livro do Êx, dois itinerários fundamentais: a) A «estrada do mar» ou «estrada dos filisteus» — a chamada *via maris* dos romanos —, que era a estrada oficial (militar e comercial) entre o Egipto e a Palestina, patrulhada no troço entre Síle e Gaza por 23 postos de controlo egípcios, reorganizados por Seti I (1303-1289), que corria a N da Península Sinaítica e a S da costa Mediterrânica e do lago Sirbonis, que permitia eventuais desvios pela estreita faixa de terra que separa o mar Mediterrâneo do lago Sirbonis, onde parece dever situar-se Baal-Safon (= *Ras Qasrun* ou *Ras Burun*), e também eventuais descidas a Cades Barnea, antes de subir para o sul palestinense. É entre Baal-Safon e Cades Barnea que podem ser colocados os três acampamentos de Elim (Êx, 15,17), deserto de Sin (Êx, 16,1; 17,1) e Refidim (Êx, 17,1). b) A «estrada do deserto» (Êx, 13,18a) que é talvez também a chamada «estrada de Shur» (Gén, 16,7), no deserto de Shur (Êx, 15,22b), também chamado significativamente «deserto de Sin» (Núm, 33,11), que passa a S da referida *via maris*, ligando o lago Timsah, no Delta do Nilo, a Bersabeia, no Sul palestinense, com passagem por Cades Barnea. É daqui que, deixando a «estrada do deserto», se inflecte para Ezyon-Ghever, subindo depois a Transjordânia e entrando na Palestina Central pelo oriente. Há ainda o itinerário tradicional, que faz os «israelitas» fugirem do Egipto e contornarem pelo Sul toda a Península Sinaítica, subindo depois para Cades Barnea. Este itinerário, cada vez mais desacreditado pela crítica, obedece ao traçado das peregrinações cristãs no decurso da época romano-bizantina, sobretudo a partir da famosa peregrinação de Egéria em finais do séc. iv, e assenta no

pressuposto de que o monte Sinai teria de estar no Sul da Península Sinaítica, uma vez que é lá que se encontram as três montanhas mais altas dessa península: o monte de Moisés (2224 m), o monte de Sta. Catarina (2602 m) e o monte Serbal (2052 m). Os textos bíblicos antigos situam o Sinai na área de Cades Barnea e dos desertos circundantes, portanto, não no Sul, mas no Nordeste da península Sinaítica, pois apresentam-no em paralelismo com Seir, Pará, Cades e Edom (Deut, 33,2; Jz, 5,4-5).

Para uma reconstituição correcta dos factos da «opressão» e da «libertação», é necessário ter presente que, no período que vai desde meados do séc. xvi até meados do séc. xii, a península do Sinai e a Palestina estiveram sob o controle militar e político-administrativo do Egipto. Significa isto que a «opressão» dos «israelitas» pelos egípcios e a subsequente «libertação» podem ter acontecido também fora das fronteiras do Egipto. Para a composição daquela imagem grandiosa, unitária, simplista e linear que o texto normativo apresenta da «opressão» e do «êxodo» podem ter contribuído as seguintes experiências:

1. A «expulsão» (*garash*) dos Hicsos do Delta do Nilo por Ahmosis, em 1552, e a sua perseguição pela *via maris* até à cidade de Saruhen, actual Tell 'Ajjul, no sul palestinense, onde se entrincheiram e donde continuam a fazer «razias» ao Delta do Nilo até 1468, ano em que o grande Tutmosis III (1468-1436) ocupou a cidade de Saruhen. Esta «expulsão» dos Hicsos é, por assim dizer, a epopeia nacional egípcia, e é o único dado que os textos egípcios antigos registam acerca de uma «saída» maciça de semitas do Egipto, ignorando por completo o «êxodo» bíblico. É sabido que, no séc. iii a. C., o historiador greco-egípcio Manethon identificará praticamente a «expulsão» dos Hicsos com o «êxodo» bíblico.

2. Um grupo de simeonitas, provenientes da região dos irrequietos Hicsos (Jos, 19,1-9; Jz, 1,17), presos no Egipto (Gén, 42,19.24) por motivos de espionagem (Gén, 42,9.11.14.16.30.31.34), naturalmente entre 1552 e 1468, provavelmente durante os últimos anos de Amenófis I (1527-1506) e os primeiros anos de Tutnósis I (1506-1494), e depois «feitos sair» ao encontro dos seus irmãos (Gén, 43,23) do sul palestinense, certamente através da *via maris*, estrada oficial entre o Egipto e a Palestina.

3. Os simeonitas pastores do «país de Gosén» (Gén, 45,10; 46,28-34; 47,1.4.6; 50,8b), claramente separados dos egípcios (Êx, 8,18.19; 9,4; 11,7) e por estes abominados pelo facto de serem pastores de gado miúdo (Gén, 46,34) e «hebreus» (Gén, 43,32) e por sacrificarem animais considerados sagrados pelos egípcios — cordeiros, carneiros e touros (Êx, 8,21-23) —, e que conhecem, eventualmente desde a segunda metade do séc. xvi, até meados do séc. xiii, pequenas folgas de «libertação» (*shillab*) durante as quais fazem caminhadas de três dias no deserto, supostamente para a zona de Cades Barnea, para oferecer sacrifícios. De notar que o topónimo «Gosén» nunca aparece mencionado nos textos egípcios antigos (dificilmente poderemos continuar a situá-lo no Delta do Nilo), e que, na tradição bíblica, aparece localizado, não no Egipto, mas no sul palestinense (Jos, 10,41; 11,16; 15,51).

4. Grupos indeterminados do território palestinese, controlados à distância pelos Egípcios, eventualmente desde a segunda metade do séc. XVI, até meados do séc. XII, que vêem o Egito desde a Palestina (daí a linguagem «Rei do Egito» — e não «Faraó» — e as «guerras do Rei do Egito» com os seus inimigos «hebreus»), que fazem carregamentos sob a vigilância de «controladores» «israelitas» (*shoterim*), tudo de acordo com a linguagem e a administração egípcia que conhecemos das Cartas de *Tell el-Amarna* (séc. XIV). Estes grupos conhecem cessações (*shabat*) de trabalho na condição de que o mesmo trabalho seja realizado, em que nem sempre são bem sucedidos. Deve-se a estes grupos a única menção de uma «fuga» (*barab*) no contexto do Ê. (*Êx*, 14,5a). De notar que, no cenário destes grupos, o relacionamento dos «israelitas» com a administração egípcia é feito através dos controladores «israelitas» (*shoterim*) (*Êx*, 5,14.15.19), na ausência expressa de Moisés e Aarão (*Êx*, 5,20).



A Destruição do Exército do Faraó, de Lucas Cranach, o Velho (Alte Pinakothek, Munique)

5. Grupos indeterminados do território palestinese que, na primeira metade do séc. XIII, são levados como prisioneiros pelas tropas de Seti I (1303-1289) ou de Ramsés II (1289-1224) para trabalhar na construção das cidades-armazém Pitom e Ramsés, sob a vigilância de «controladores» egípcios (*nogesim*). Serão «expulsos» (*garash*) através da *via maris* provavelmente ainda antes dos meados do séc. XIII, quando as referidas cidades já estão construídas. A ideologia Yahvista, que a crítica distingue pela sigla J, insere redacionalmente no cenário da «opressão» destes grupos as negociações de Moisés com o Faraó — mais conhecidas por «relato das pragas» (*Êx*, 7,8-10,27) —, e que, de resto, fogem a todo o controle. As referidas negociações de Moisés visam a «libertação» (*shillah*) em ordem ao «serviço cultural» (*abad*) dos Ázimos, festa que a ideologia J liga à «saída» do Egito (*Êx*, 34,18).

6. Os grupos levíticos de Aarão, dito «o levita» (*ballewi*) (*Êx*, 4,14), que estão na área de Seir, domínio de Edom, a sul do mar Morto, no vale de Arabah, e que experimentam a «opressão» egípcia pelo menos na primeira metade do rei-

nado de Ramsés II, e que conjugam a sua «libertação» (*shillah*) com um culto «festivo» (*bagag*).

7. Os grupos de Moisés, descendentes de José, cujo núcleo duro é certamente constituído pelos grupos que se individualizarão na Terra Prometida sob os nomes de Efraim-Benjamim e Manassés-Maquir, que estão no «país do Egito» (*Gén*, 47,11), provavelmente desde finais do séc. XVI, em ambiente citadino (*Gén*, 50,7-8a), com o estatuto de «estrangeiros residentes» (*gerim*), podendo dispor de propriedades juridicamente reconhecidas (*abuzzah*) (*Gén*, 47,11.27), vivendo lado a lado com os egípcios, nos mesmos quarteirões e até nas mesmas casas (*Êx*, 3,22), com amigos e amigas (*Êx*, 11,2), portanto, em boas relações com os egípcios, e que, como confessam, foram forçados a sair (*hōisi*) do Egito por Moisés (*Êx*, 14,11-12), provavelmente em meados do séc. XIII, dando assim cumprimento à missão que lhe fora confiada por Deus (*Êx*, 3,1-6.12). O seu número não excederia as 1000 pessoas.

Esta última «saída» contra a corrente, que só vem realçar o papel preponderante de Moisés, aparece conjugada com o «serviço cultural» (*abad*) a Deus sobre (*al*) a montanha (*Êx*, 3,12), e faz-se pelo itinerário da «estrada do deserto», sem mar, até Cades Barnea. Tal como Moisés tinha feito a experiência decisiva e determinante de ser encontrado/criado por Deus (*Êx*, 3), também os seus grupos recalcitrantes a farão. Estas experiências, entretanto, imprimidas nos outros grupos, são constitutivas do povo de Israel. Daí as «fraternidades» significativas de Moisés com Aarão e com Maria e os seus múltiplos «parentescos» com edomitas, madianitas e quenitas, que dão cada um deles um «sogro» a Moisés, respectivamente Raul, Jetro e Hobab. Daí também a presença de Moisés nas experiências de «opressão» e «libertação» dos diferentes grupos que habitam o Sul palestinese. É assim que ele é inserido pela ideologia J nos grupos de Gosén com as suas folgas de «libertação» e «sacrifícios» a três dias de caminho no deserto, supostamente na zona de Cades Barnea. É assim que ele é inserido entre os «oprimidos» na construção das cidades-armazém Pitom e Ramsés, para conduzir as negociações com o Faraó no famoso «relato das pragas», assumindo também naturalmente papel de relevo nos acontecimentos referidos leva-nos certamente para a estreita faixa de terra que separa o mar Mediterrâneo do lago Sirbonis, onde temos o topónimo «Baal-Safon», bem como o cenário ideal para a «libertação» dos «israelitas» e o afundamento dos egípcios. Em boa verdade, essa estreita faixa de terra entre os dois mares — um «lago» diz-se também «mar» (*yam*) na língua hebraica — serve para se passar a pé enxuto, mas pode tornar-se também muito perigosa quando as marés a assolam, tornando-a pantanosa. Os historiadores clássicos gregos Diodoro e Estrabão referem que lá ficaram sepultados muitos exércitos da antiguidade. De notar que os textos provenientes da ideologia J não dizem que os «israelitas» tiveram que combater ou que atravessar qualquer mar. Dizem que os «israelitas» acamparam diante de Baal-Safon (*Êx*, 14,2), sen-

do exortados a permanecer tranquilos (*Êx*, 14,14) e a ver a acção de Yahveh, que se desfaz dos egípcios. Os «israelitas» não fogem. Quem fogem são os egípcios (*Êx*, 14,25.27). A luta é de Yahveh. Os «israelitas» viram os egípcios mortos à beira do mar e acreditaram em Yahveh e em Moisés. É a ideologia sacerdotal, que a crítica conhece pela sigla P, que engrandece os acontecimentos e põe os «israelitas» a sair do Egito como um exército (*Êx*, 12,17.41.51) de 600 000 homens (*Êx*, 12,37), de mão erguida (*Êx*, 14,8) e preparados para combater (*Êx*, 13,18b), pondo-os depois a atravessar o mar na terra seca com as águas a fazerem como que um muro à sua direita e à sua esquerda (*Êx*, 14,22.29). Exactamente o cenário de quem passa pela referida faixa de terra do Egito para a Palestina e vê à sua direita as águas do lago Sirbonis (um lago de água doce com 80 km de comprimento) e à sua esquerda as águas do Mediterrâneo.

Para solucionar a questão levantada pela presença, no Livro do Ê., de indícios textuais diferentes, houve quem propusesse a chamada teoria dos «dois êxodos»: um «êxodo-expulsão» pela *via maris* a que se teria seguido um «êxodo-fuga» pela «estrada do deserto», podendo ser a diferença temporal entre eles de dois séculos (E. Testa) ou de uma geração (R. de Vaux), sendo o ponto fixo a colocação do «êxodo-fuga» em meados do séc. XIII. Esta solução é ainda simplista. Os cenários que acabámos de descrever mostram que, por debaixo da imagem grandiosa, unitária, simplista e linear que o texto bíblico normativo nos transmite acerca da «opressão» e do «êxodo», estão mesmo diferentes «opressões», «libertações», «expulsões» e «saídas» experimentadas por grupos diferentes de «israelitas», em espaços diferentes e tempos diferentes. A experiência verdadeiramente determinante será a dos grupos recalcitrantes de Moisés, cuja chama será passada a todos os grupos do futuro Israel, começando assim a forjar-se a unidade. É desde este Israel unido e constituído em nação e visando a consolidação dessa unidade que das múltiplas experiências de «opressão» e «libertação» se retroprojecta a imagem grandiosa, unitária e linear que conhecemos.

ANTÓNIO JOSÉ DA ROCHA COITO

BIBL.: E. Anati, *Har Karkom. Montagna sacra nel deserto dell'Esodo*, Milão, 1984; H. Cazelles, «Les Localisationes de l'Exode et la critique littéraire», in *Autour de l'Exode (Études)*, Paris, 1987, pp. 189-231; id., «Rédactions et Traditions dans l'Exode», in G. Braulik (ed.), *Studien zum Pentateuch. Wälbter Kornfeld zum 60. Geburtstag*, Viena, Friburgo, Basileia, 1977, pp. 37-58; id., «La Localisation de Goshen: problèmes de méthode», in *La toponymie antique*, Leida, 1977; id., «Peut-on circonscrire un événement Exode?», in E.-M. Laperrousaz (ed.), *La protohistoire d'Israël. De l'exode à la monarchie*, Paris, 1990, pp. 29-65; R. de Vaux, *Histoire Ancienne d'Israël. Des origines à l'installation en Canaan*, Paris, 1971, pp. 277-368; G. Fohrer, *Übertieferung und Geschichte des Exodus. Eine Analyse von Ex. 1-15*, Berlin, 1964; S. Hermann, *Il soggiorno d'Israele in Egitto*, Bréscia, 1972; J. L. Ska, *Le Passage de la mer. Étude de la construction, du style et la symbolique d'Exode 14.1-31*, Roma, 1986; E. Testa, *Dall'Egitto a Canaan. Le chiamate di Dio alla libertà*, Assis, 1975; D. Vabelle, *Le paysage historique de l'exode*, in E.-M. Laperrousaz (ed.), *La protohistoire d'Israël*, pp. 87-107; E. Zenger, «Le thème de la 'sortie d'Égypte' et la naissance du Pentateuque», in A. de Pury (ed.), *Le Pentateuque en question*, Genebra, 2.ª ed. corrigida, 1991, pp. 301-331.

LITER. Parte final de uma tragédia grega, que terminava com a saída dos actores e do coro (necessária, por não haver ainda pano de cena). Aristóteles (*Poética*, 1452b) definiu-a «uma parte completa da tragédia a seguir à qual não há canto do coro». Os últimos versos do Ê. são, geralmente, em Sófocles e Eurípidés, anapestos recitados pelo coro, ora para motivar a sua saída, ora para extrair uma moralidade genérica da peça, ora para fazer uma prece à Vitória. Essas estrofes repetem-se por vezes, em Eurípidés, de obra para obra (assim, os cinco versos finais de *Alceste*, *Andrômaca*, *Bucantes*, *Helena*, e, com ligeira variante, de *Medeia*, e os três de *Ifigénia em Táuris*, *Orestes*, *Fenícias*), o que leva a supor que já não lhes era atribuída grande importância. Pelo contrário, Ésquilo colocou no final da *Oresteia* uma conclusão significativa.

M. H. ROCHA PEREIRA

Êxodo (Livro do) — ESCR. É o segundo livro da Bíblia e do *Pentateuco*. Recebe na Bíblia hebraica o título de *Shemōt* (= Nomes), de acordo com a sua forma normal de titular os livros a partir das suas palavras iniciais: *We'el-leh shemōt* [= E estes os nomes (dos filhos de Israel que vieram para o Egito)]. O título de «Êxodo» provém da versão grega dos LXX, que procura dar aos livros títulos de acordo com os conteúdos neles descritos. Privilegia os 15 primeiros capítulos, pois é aí que é descrito propriamente o «êxodo», i. é, a «saída» dos «israelitas» do Egito. Este léxico tem a ver prevalentemente com os grupos recalcitrantes que Moisés «fez sair» do Egito pela «estrada do deserto» (êxodo), mas, dada a importância determinante de Moisés e dos seus grupos e das suas experiências para a constituição de Israel e do edifício bíblico, o seu léxico torna-se também património comum, podendo então expressar também as demais «libertações» de outros grupos da «opressão» do domínio egípcio.

De «opressão» e «libertação» fala-se sobretudo em *Êx*, 1-15. *Êx*, 16-18 descreve as tergiversações dos «israelitas» no deserto. *Êx*, 19,1-24,11 e *Êx*, 32-34 descrevem o acontecimento da aliança no Sinai, i. é, o encontro mortal/criacional de Deus com os «israelitas», em que Deus se dá a Si mesmo ao homem e dá cada homem a si mesmo, e em que o homem aceita a dívida pessoal de Deus e se aceita a Si mesmo como dom de Deus com a sua natureza dada, a sua razão dada, a sua Lei dada, a história dada, o mundo dado. A dívida e a aceitação da dívida reclamam, por sua vez, a dívida, e, portanto, a responsabilidade. O pecado surge como possibilidade da liberdade humana, mas Deus pode sempre recomeçar tudo de novo. *Êx*, 24,12-40,38, sem o enxerto já referido de *Êx*, 32-34, descreve as prescrições para a construção do santuário (*Êx*, 25-31) e a execução das mesmas (*Êx*, 35,1-40,33). Esta narrativa está encerrada numa significativa inclusão: *Êx*, 40,34-38 descreve a descida de Yahveh sobre o Santuário com as mesmas notas (nuvem, glória, fogo) com que *Êx*, 24,12-15a descreveu a descida de Yahveh sobre o Sinai, mostrando assim que o Santuário assumiu o papel do Sinai como lugar da manifestação de Deus. É a presença da ideologia